

# Gênero na literatura infantil: uma análise de obras com protagonistas animais

Gisele Massola<sup>1</sup>

Maria Lúcia Castagna Wortmann<sup>2</sup>

## Resumo

A partir de vinte obras de literatura para crianças cujos protagonistas são animais, analisa-se, neste artigo, a naturalização de algumas representações de gênero. Argumentamos que, ao serem antropomorfizados, os animais passam a personificar ações, sentimentos e emoções humanas. Observa-se que há, nessas obras, narrativas que replicam, no mundo ficcional habitado pelos personagens animais, certas representações do feminino e do masculino bastante usuais, estando essas ora vinculadas a alguns ambientes particulares, ora marcadas por determinados atributos e sentimentos. Embora haja, entre as obras analisadas, narrativas abertas à polissemia, o que poderia propiciar experiências estéticas diversificadas, isso não significou, necessariamente, a ocorrência de rupturas nas formas de narrar as diferenças de gênero.

**Palavras-chave:** gênero; literatura infantil; pedagogias culturais; representações; Estudos Culturais.

## Gender in children literature: an analysis of works with animal

### Abstract

Considering 20 literature works directed to children in which the characters are animals, this paper analyzes the naturalization of some representations of gender. We argue that, on being anthropomorphized, the animals personify human actions, feelings and emotions. We perceived that, in those works, the narratives replicate in the fictional setting inhabited by animal characters, certain usual representations of the feminine and the masculine, sometimes linked to particular environments, sometimes marked by certain attributes and feelings. Although the analyzed narratives were open to polissemity, which could favor different esthetical experiences, this did not necessarily mean the occurrence of disruptions in the ways of narrating gender differences.

**Keywords:** gender; children literature; cultural pedagogies; representations; Cultural Studies.

---

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora tutora dos Cursos de Licenciatura em EAD de Ciências Sociais, Geografia, História e Pedagogia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

2 Professora/pesquisadora dos cursos de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

## INICIANDO A CONVERSA...

A literatura infantil continua sendo foco privilegiado de inúmeros estudos acadêmicos, o que indica a importância que as histórias nela narradas ainda possuem na vida das crianças, mesmo neste tecnologicizado mundo contemporâneo. Notadamente nos últimos dez anos, tais estudos têm focalizado ora questões que dizem respeito a como formar leitores (MACHADO; DOMINGUES, 2009), ora buscado ensinar determinados conteúdos escolares mais específicos (LOPES; SALOMÃO, 2000; CARVALHO, 2008), ora têm, ainda, examinado representações de velhice e de gênero (SILVEIRA; BONIN, 2010), de gênero e patriotismo (BONIN; SILVEIRA, 2009), de vida indígena (MASSOLA; BONIN, 2011 e BONIN; RIPOLL, 2011), de “diferença” (SILVEIRA; BONIN; RIPOLL, 2010) e de raça e etnia (SILVEIRA; KIRCHOF; BONIN, 2010). Nessa última direção, localizam-se as análises conduzidas no campo dos Estudos Culturais. Neste artigo<sup>3</sup>, seguimos essa mesma inspiração para focalizar representações de gênero em 20 histórias infantis protagonizadas por animais. Como indicaram Freitas e Silveira (2012), tem sido procedida, com grande frequência, nessas histórias, uma associação quase automática entre animais e literatura infantil, associação que se estende, segundo as mesmas autoras (ibidem), a outras produções culturais endereçadas à infância<sup>4</sup> – desenhos animados, histórias em quadrinhos, brinquedos diversos, jogos etc. –, nas quais proliferam os ursinhos, os gatinhos, os pôneis, os coelhinhos e outros seres “fofinhos” ou, por outro lado, animais representados como assustadores, malévolos, astutos etc.

O procedimento analítico assumido no estudo que conduzimos foram as análises culturais inspiradas na chamada *virada cultural* (HALL, 1997), a partir da qual se entende que a cultura abarca processos de produção, circulação e consumo da significação na vida social, bem como negociações, conflitos, inovações e resistências procedidas no espaço das relações sociais que, nas sociedades contemporâneas, são fraturadas por divisões de gênero, classe, raça e etnia. Destacamos serem tais obras um dos “locais ou instâncias nos quais se instauram lutas em torno da produção de significados”, tal como

---

<sup>3</sup> Este texto é adaptação de uma versão preliminar apresentada, em uma das mesas redondas, no IGALA 7 – *Seventh International Gender and Language Association Conference*, ocorrido em 2012, na cidade de São Leopoldo/RS.

<sup>4</sup> Todos os livros examinados neste estudo integram o acervo do projeto CNPq “Narrativas e Diferenças”, que é coordenado por uma professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

frisou o mesmo autor (HALL, 1997), e que nelas se processa a instauração/invenção (re)produção de representações, entre as quais estão as de masculino e feminino examinadas neste estudo. Assumimos, também a partir de Hall (1997), processar-se, a partir da representação, a constituição de identidades, na medida em que em tais produções culturais se organizam, tal como salientou Simon (2011), ao examinar outras situações, significados que atuam na normalização de determinadas práticas textuais e imagéticas, que passam a ser vistas como verdadeiras. Seriam então procedidos, em tal processo de normalização, esforços para regular algumas particulares formas de ver o mundo, bem como de definir o que usualmente é entendido como o pensamento do chamado senso comum. Registramos, ainda a partir de Hall (ibid), que os significados não se inscrevem definitivamente em tais práticas representacionais, mesmo que nelas estejam enquadrados atos de reconhecimento, que propiciam, muitas vezes, uma intensa e ativa interação com os sujeitos, ao remetê-los a outras formas de textualidade.

Cabe ainda referir que a análise que fazemos leva em consideração argumentos tecidos por Haraway (1989) acerca das “histórias científicas” narradas na Primatologia contemporânea. Para essa autora (ibid), nessas histórias, os “primatas são objetos privilegiados para nomear o ‘não marcado’ lugar humano na natureza, bem como para descrever a igualmente não marcada natureza da sociedade humana” (p.154). Como argumenta a mesma autora (ibid), muitas das interpretações científicas organizadas para explicar modos de vida dos grandes símios, notadamente as que se filiam às correntes sociobiológicas, recorrem a argumentos de natureza político-histórico que envolvem, por exemplo, a competição entre homens e mulheres, bem como a violência doméstica e, ainda, proibições acerca da reprodução, dos papéis sexuais e de certas patologias sociais. Ou seja, tais explicações invocam questões vinculadas a comportamentos sociais humanos, estendendo-os a todos os primatas. Como Haraway (1989) salientou, procede-se, desse modo, a generalizações bastante discutíveis, que atribuem condições e aspectos bem peculiares inventados por (e para) um grupo animal aos demais representantes de sua ordem.

Argumentamos, a partir das considerações de Haraway (1989), que isso não ocorre, apenas, nas narrativas científicas, mas, também, na literatura infantil, na qual são replicadas, no mundo ficcional – habitado por personagens animais –, inúmeras questões sociais contemporâneas, estando, entre essas, as que dizem respeito a gênero.

## ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO

O entendimento sobre gênero assumido neste texto vincula-se a discussões conduzidas na articulação entre os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais pós-estruturalistas. É possível dizer terem ocorrido, a partir da emergência dos estudos feministas, ao final dos anos 1960 e início dos anos 1970, as primeiras elaborações teóricas sobre o conceito de gênero, sendo esse, também, um momento no qual ocorreu a difusão dos estudos sobre as mulheres e a condição feminina.

Cabe lembrar que um dos aspectos identificados nessa produção refere as tentativas de substituir o termo *mulher* por *gênero*, para lhe conferir maior legitimidade nos espaços acadêmicos, situação que trouxe à tona inconformidades e desencantos em relação a tradicionais arranjos sociais e políticos. Buscava-se, então, a partir dessas discussões, posicionar mulheres e homens em termos recíprocos, destacando-se a impossibilidade de serem conduzidos estudos que examinassem qualquer um dos sexos como uma problemática isolada.

Numa acepção pós-estruturalista, utiliza-se o termo gênero sempre no plural e focaliza-se esse conceito de forma relacional. Ou seja, o emprego do termo implica considerar as relações de gênero e não simplesmente gênero, o que implicaria atentar, apenas, para o masculino ou o feminino. Além disso, uma análise de gênero nesta direção implica considerar as diferenças históricas que moldam/constroem as representações relativas aos sexos, tal como foi destacado por Louro (2007). Disse ela:

é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (p.21).

Então, como esta autora (ibidem) também comentou, “para que se compreenda o lugar e as relações procedidas entre homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constituiu sobre seus sexos” (p. 21). Como estamos

argumentando neste estudo, as identidades (e entre essas estão as chamadas identidades femininas e masculinas) são forjadas em práticas culturais específicas, mesmo que entendamos serem essas sempre transitórias, múltiplas e instituídas a partir de relações de poder/saber procedidas em práticas representacionais. Portanto, as representações de gênero não incluem apenas o biológico, pois, como indicou Scott (1995, p. 75), são as construções culturais que definem os papéis a serem atribuídos a homens e mulheres nas sociedades e disso decorrem, também, as diferentes formas de estabelecer o que é correto (ou não) para os seus relacionamentos, em diferentes contextos sociais. É possível argumentar, assim, haver uma série de perfis e de práticas consideradas pertinentes para homens e mulheres (re)produzidas em diferenciados artefatos culturais, entre os quais estão as histórias infantis focalizadas neste texto.

Interessou-nos refletir sobre questões de gênero delineadas no conjunto de obras da literatura infantil acima referido, por entendermos ser esse um espaço no qual se posicionam e definem condutas, sentimentos, formas de expressões e estilos tidos como “apropriados” para marcar as posições femininas e masculinas para as crianças pequenas.

No que diz respeito à feminilidade, por exemplo, há, segundo Perrot (2003), uma série de características que costumam ser invocadas para demarcá-la, estando entre essas a passividade, a doçura, a afetividade, a discrição e a fragilidade. Geralmente colocados em oposição a esses atributos, estão aqueles que corporificam representações de masculinidade, os quais estabelecem ações desejáveis para os protagonistas masculinos, a partir do distanciamento das representações que remetam à feminilidade. Assim, afirma Connell (1995), a masculinidade decorre da configuração de práticas em torno do posicionamento dos homens na estrutura das relações de gênero, havendo mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero em uma sociedade. Sendo assim, também é mais apropriado falar-se em “masculinidades” e não em masculinidade no singular (p. 188). Mas, em relação às masculinidades, há certas representações mais destacadas que normalizam condutas que lhes são atribuídas cultural e socialmente. Entre essas estão a força, a coragem e a iniciativa. Então, ao realizarmos abordagens analíticas, tal como salienta o mesmo autor (CONNELL, 1995), “trata-se de perceber que num gesto, num modo de vestir-se, de caminhar, estão presentes certas aquisições sociais” (p. 112).

É importante registrar que posicionamentos historicamente conferidos a homens e mulheres são/foram produzidos a partir de múltiplos discursos, que configuram a esfera do privado (o espaço doméstico) como o “verdadeiro” lugar da mulher. Por outro lado, outras construções discursivas localizam o “universo masculino” no espaço público.

No caso específico das análises empreendidas neste artigo, observaram-se, também, recorrências de elementos que entram na composição dos cenários, das vestimentas, dos adereços, das cores, dos utensílios, entre muitos outros aspectos utilizados para marcar, definir e, desse modo, ensinar modos específicos de configurar feminilidade e masculinidade, tanto nos textos, quanto nas ilustrações dos livros infantis examinados. Ou seja, ensinam-se, desse modo, “maneiras socialmente desejáveis para os sujeitos, levando em conta o sexo de cada um, de acordo com os modos por meio dos quais tais identidades são representadas” (SABAT, 2004, p. 98).

Algumas dessas marcações reforçam representações do feminino que envolvem: ser responsável pelas atividades de organização da casa, bem como pelo preparo dos alimentos; ser dotada de instintos maternos e ser hábil para lidar com situações de conflito; e, ainda, possuir uma estrutura corporal mais delicada e frágil. Além disso, associa-se o feminino a uma maior passividade nas conquistas amorosas. Assim as fêmeas dos animais que protagonizam as obras examinadas são amorosas, acolhedoras, maternas, dóceis, sensíveis, compreensivas, delicadas e acomodadas. Em contrapartida, os protagonistas masculinos são marcados por características e adereços, bem como por formas de agir que representam os animais machos dessas histórias como corajosos, ágeis, astutos, destemidos, fortes, bravos, aventureiros, valentes etc.

## **GÊNERO: PARA ALÉM DA “DIFERENÇA” EM HISTÓRIAS COM PERSONAGENS ANIMAIS**

Iniciamos nossas análises com a discussão de seis livros<sup>5</sup> que integram a coleção denominada *Ciranda das diferenças*, na qual cada um dos livros

---

<sup>5</sup> Os seis livros focalizados foram todos escritos pela fonoaudióloga paulista Márcia Honora, que afirma trabalhar há muito tempo com pessoas que apresentam alguma deficiência.

focaliza um animal configurado como tendo algum tipo de “diferença”. Assim, o livro intitulado *Uma formiga especial* conta a história de uma formiga macho cega, que não deixa de executar suas funções no formigueiro, pois recebeu um treinamento especial que lhe aguçou outros sentidos (Livro 1). Já o livro *O amor tem todas as cores* narra o namoro entre uma vaca branca, que cria coelhos pretos – dona Branca –, e um “simpático” boi com pelagem preta – seu Negreiro –, que cria coelhos brancos, para focalizar questões raciais (Livro 2). O livro *O problema da centopeia Zilá* narra a preocupação de uma centopeia bonita e graciosa, que tem uma de suas muitas pernas mais curta do que as demais, por não conseguir um namorado (Livro 3). No livro *Uma amiga diferente*, a personagem é uma abelha com *Síndrome de Down* que conquista, com sua doçura e bondade, a amizade de todos os seus/suas colegas de aula (Livro 4). No livro *A Escola da tia Maristela*, a personagem principal é um golfinho fêmea que tem dificuldades de aprendizagem, mas que aprende a viver com suas limitações, apesar de sofrer com isso (Livro 5). Já o livro intitulado *Dognaldo e sua nova situação* (Livro 6) focaliza a adaptação de um cachorrinho que fica paraplégico a essa nova condição.

É importante registrar que os livros desta coleção trazem, ao final das histórias, informações acerca do que é referido como um “problema”, que afeta a personagem principal. Além disso, a partir deste texto informativo, o/a leitor/a é remetido ao hyperlink [www.cirandainclusão.com.br](http://www.cirandainclusão.com.br)<sup>6</sup>, que promete ampliar o conhecimento sobre o tema focalizado em cada um dos livros.

Registramos que, apesar de não estarmos atentando para as particularidades que afetam cada um dos personagens animais que protagonizam essas histórias, nelas referidas como “diferenças” – Síndrome de *Down*, cegueira, dificuldades de aprendizagem etc. –, é impossível deixar de referir serem os argumentos nelas utilizados bastante discutíveis, por apelarem para proposições compensatórias e por invocarem *slogans* triviais e discriminatórios. Entre esses, destacamos os seguintes: “as diferenças de cor da pele não têm a mínima importância, o mais importante é o que se tem dentro do coração” (Livro 2); “a falta de visão é compensada por um ótimo olfato e pela força de vontade” (Livro 1); “a diferença pode ser minimizada

---

<sup>6</sup> Uma consulta a este site revelou conter este muitas informações comerciais e não as informações anunciadas. Deparamo-nos, por exemplo, com propagandas de uma revista intitulada *Ciranda da Inclusão*, além de *ebooks*, bem como uma série de livros que podem ser adquiridos pela *web*.

pelo uso de alguns artefatos especiais” (Livro 6); “é preciso aceitar as limitações e não desistir nunca” (Livro 5).

Lembrando Duschatsky; Skliar (2001), é importante salientar que, muitas vezes, o princípio do reconhecimento dos grupos qualificados como diferentes se sustenta na homogeneidade, na igualação e não na diferença. Como indicaram os mesmos autores (ibid), muitas vezes os discursos sociais revestem com novas palavras, disfarçam com véus democráticos e se acomodam sem conflito as/às intenções dos enunciadores do momento. De certa forma, é possível dizer que as posições/argumentações assumidas nestas histórias pregam muito mais a tolerância, do que anunciam proposições que rompem com as formas mais tradicionais de representar a alteridade, aspecto igualmente focado pelos autores acima citados (DUSCHATSKY; SKLIAR, 2001), ao discutirem as formas mais frequentes de narrar-se a alteridade na cultura contemporânea.

Argumentamos, então, que, para além das diferenças que tais livros declaradamente focalizam, neles também são estabelecidas diferenciações frente a aspectos relativos a gênero, na medida em que as histórias reproduzem padrões de comportamentos sociais que operam na demarcação de modos de ser/comportar-se como homem ou mulher.

No caso do livro 2, por exemplo, o texto ensina que cabe ao animal macho – seu Negreiro, um boi preto viúvo e solitário, que as ilustrações mostram ser dotado de grande porte e possuidor de um olhar interessado e atento – e, aos homens, por extensão, tomar as iniciativas nos relacionamentos amorosos. Entre as “técnicas da conquista” apresentadas neste livro está a insistência do olhar (p.17), que seu Negreiro fixou em Dona Branca – uma vaca branca cuja representação imagética delineia ter porte delicado, olhos doces e sonhadores, salientados por um batom de cor vermelha, e que usa no pescoço uma fitinha, também vermelha, além de usar uma flor na cabeça. Destaque também foi dado à convergência de interesses que aproximou as personagens – seu Negreiro interessou-se pelo coelho que dona Branca levava ao leilão e ela, pela coelha que ele pretendia negociar – situação que permitiu a troca de *vakuts*, nome dado aos endereços eletrônicos na história, referência que igualmente aproxima o mundo da ficção a práticas comuns nas sociedades humanas. Outra etapa da conquista diz respeito ao encontro das personagens, ocorrido na fazenda de Dona Branca, que culminou com “o pedido em namoro” feito por seu Negreiro. Aliás, tal final satisfaz totalmente as personagens, pois, como está referido na história, Dona Branca queria muito



casar e ter uma família (p. 7) e seu Negreiro sentia muita falta de uma companheira (p. 9).

É interessante indicar que, também no livro 3, a preocupação com o encontro de um namorado afeta fortemente a personagem da história – uma centopeia fêmea representada com feições humanas, tal como os demais personagens das outras histórias, nas quais se destacam os olhos grandes adornados por longos cílios que lhe conferem um “ar” de doçura e meiguice. Novamente, nesta história, registra-se caber aos animais machos a iniciativa do relacionamento amoroso, papel exercido pelo caracol Godofredo, um vendedor de sapatos especiais, que vendeu à Zilá um sapato que lhe permitiu igualar todas as suas pernas. Godofredo, descrito como simpático e atencioso e representado imagicamente com óculos e uma gravatinha borboleta, é quem dá início à “paquera” (p. 13), a qual teve prosseguimento com um convite para jantar, escrito em um papel em formato de coração sutilmente repassado à Zilá junto com a sua compra. Nesta história, a personagem Zilá foi duplamente compensada: tanto realizou seu sonho de eliminar a diferença entre seus pés, possibilitada por seu sapatinho novo (p. 20), quanto arrumou um namorado, que a fez sentir-se semelhante a outras jovens da sua idade, aspecto registrado com destaque na história (p. 24).

É importante ressaltar, então, que, nessas duas histórias, as fêmeas dos animais representados são configuradas como delicadas, vaidosas, nervosas, mas, também, como submissas e inseguras, tendo como sonho principal o casamento. E que nelas, também, foi atribuído aos machos o papel de iniciar a abordagem amorosa, que, aliás, foi bem sucedida, nos dois casos narrados.

As histórias contadas nos livros 4 e 5 diferem das anteriores por terem como cenário principal a escola. O livro 5 focaliza um golfinho fêmea – Sofia – que vai à escola aprender a nadar, pular e a fazer piruetas com uma famosa professora que não só já se apresentara em grandes aquários, mas que até participara do filme *Flypper*<sup>7</sup>. A professora é representada através de um estereótipo bastante frequente em outros livros de histórias (Livro 7, por exemplo) – ela usa um longo colar de pérolas e óculos –, enquanto Sofia diferencia-se de seus colegas machos, nas imagens, por usar uma flor na cabeça. O problema de Sofia é que tudo o que seus colegas aprendiam com

---

<sup>7</sup> A referência diz respeito ao filme *Flipper* de 1962 e ao filme *Flipper's New Adventure*, bem como à série de TV neles inspirada, que foi exibida entre os anos de 1964 e 1968 pela rede NBC, nos Estados Unidos e, também, no Brasil com enorme sucesso. (Disponível em <http://www.tvsinopse.kinghost.net/f/flipper1.htm>. Consulta 29/10/2014).

facilidade era extremamente difícil para ela. Assim, então, como está narrado na história, “ao final do ano, todos sabiam que ela não poderia passar para a próxima série” (p. 22), o que era motivo de tristeza para todos. Ao final dessa história, outras duas reações muitas vezes associadas ao feminino estão destacadas: o choro de Sofia, ao ter confirmado o seu insucesso, e o consolo que a mãe lhe fornece, ao reiterar que ela terá seu apoio em qualquer situação. Aliás, a história finaliza salientando que “todos aprenderam uma grande lição – é preciso não desistir nunca” (p. 26).

Já na história narrada no livro 4 reitera-se que a simpática abelhinha, que possui um menor número de listras no corpo do que as demais, um par de pernas tortinho, antenas mais curtas do que as outras abelhas e dificuldades para subir nos brinquedos e fazer as tarefas estipuladas pela professora, é estimada por todos os colegas, persistindo essa estima ao longo dos anos. Cabe referir que as abelhas fêmeas são definidas, nas imagens que acompanham o texto, pelos enfeites na cabeça, sendo igualmente os adornos – saias floreadas, colares, laços ou flores na cabeça –, que permitem distinguir as formigas fêmeas dos machos no livro 1, bem como os cachorros machos das fêmeas no livro 6.

Cabe referir que, na história narrada no livro 6, os cachorros machos distinguem-se das fêmeas por apreciarem determinadas brincadeiras – soltar pipas, por exemplo –, mas, também, porque essas choram, quando se sentem tristes e preocupadas (o caso da mãe do cachorrinho Dognaldo, que ficou paraplégico) –, enquanto os machos expressam sua tristeza e ansiedade de outros modos – andando de um lado para o outro, incessantemente –, tal como o pai de Dognaldo, na história narrada no livro 6.

Em outra série de livros que também anuncia aos/às leitores/as a intenção de focalizar as diferenças e a inclusão social<sup>8</sup>, especialmente em *Osmar, o cãozinho que trocava as letras* (Livro 7), a personagem/cão fêmea, que representa uma professora, foi a responsável pela identificação do problema que afetava o protagonista – a dislexia. Aliás, foi ela que também descobriu o enorme talento deste cãozinho para o desenho e que o estimulou a desenvolver essa habilidade, permitindo-lhe transformar-se em um artista plástico admirado por sua família e colegas. Outra personagem que se ocupou com a resolução do “problema” de Osmar foi sua mãe – ela o levou ao médico

---

<sup>8</sup> Trata-se da série *Trabalhando as diferenças e a inclusão social*, da autora Cristina Klein, da Blu Editora, de Blumenau, Santa Catarina.

e providenciou o seu tratamento em casa, sendo auxiliada por seus dois outros filhos (dois cachorrinhos-machos bastante inteligentes). No caso desta história, tal como também sucede na que é narrada no livro 8, intitulado *Davi, um coelhinho especial*<sup>9</sup>, as professoras se caracterizam por serem atentas, interessadas, compreensivas e disponíveis, e as responsáveis pela reabilitação de seus alunos “problemáticos”. São as professoras que alertam e instruem as mães acerca das atitudes a serem assumidas no âmbito familiar relativamente à condução dos “problemas”/necessidades especiais detectados.

No que diz respeito a atividades especializadas, no entanto, essas são realizadas por profissionais que, no caso da história narrada no livro 7, é um cão macho médico, tal como sucede no livro 9, onde os atendentes e o médico que atenderam a ursinha Sofia, após o seu acidente, são, também, todos eles, ursos machos, e no livro 10, no qual o nutricionista que prescreve uma dieta para o patinho Beco, é um pato macho. Aliás, o livro 9 intitula-se *Sofia, a ursinha vitoriosa*, e nele o incentivo e a atenção à ursinha que, ao longo da história, se torna paraplégica, lhe são dedicados por um urso macho – o avô de Sofia. Nesse caso, no entanto, o avô se ocupava em contar seus feitos como corredor, no passado, por estar interessado em torná-la uma corredora profissional. E esse sonho, que passa a ser também ambicionado pela ursinha, que não abandona o laço de fitas na cabeça e os tênis, ambos cor-de-rosa, não foi perdido após o acidente, pois seu avô passa a incentivá-la a correr, ao lado de outros ursos que estão na sua condição, em uma cadeira especial.

É interessante registrar que nos livros dessa coleção são narradas histórias de superação: Osmar, o cãozinho que trocava letras aprendeu a ler, escrever, desenhar e pintar; Davi, o coelhinho “especial”, surpreendeu sua mãe e colegas, não só por pintar de rosa a folha que lhe coubera ornamentar, mas por declarar que *essa é a cor do amor que dedica a sua mãe*; e Sofia, mesmo tendo perdido a possibilidade de andar, tornou-se uma corredora em cadeira especial.

E a superação também ocorre na história intitulada *Beco, um patinho muito fofo* (Livro 10), que citamos anteriormente, o qual, por ser muito guloso e comilão, ficou extremamente gordo. Nesta história é o interesse amoroso, despertado em Beco por uma linda patinha de olhos “estrelados”, que o leva a

---

9 Davi é um coelhinho que possui Síndrome de Down.

enfrentar um regime severo. Além disso, ele passou a correr, a fazer caminhadas e a nadar, bem como a brincar mais com seus amigos, chegando, inclusive, a vencer uma corrida. Recuperando a forma, Beco ganhou a admiração da linda patinha Perla, por quem ficara encantado, passando a formar com ela um casal extremamente charmoso. Marca-se, assim, nesta história, a importância de ter-se uma “boa” aparência física para ser bem sucedido nas conquistas amorosas, sendo esta uma “lição” bastante explícita acerca de hábitos e práticas para as quais os meninos devem atentar, narradas a partir de representações vinculadas ao mundo animal.

E isso também está destacado no livro intitulado *George e Sílvia. Uma história de amor verdadeiro* (Livro 11), que, embora não indique com tanta clareza seus propósitos de abordar questões relacionadas às diferenças, como sucede nos livros anteriormente comentados, focaliza, tal como na história anteriormente referida (Livro 10), questões que dizem respeito à aparência física e aos relacionamentos amorosos.

Novamente, nesta história, é o animal macho, neste caso um macaco, que é grande e forte, toma a iniciativa na conquista. A história conta as tentativas de George para emagrecer e as de Sílvia para tornar-se forte, as quais incluíram, inclusive, algumas práticas radicais: ele enrolou-se em uma corda que quase o impedia de respirar, enquanto ela prendeu enchimentos no corpo, que mal lhe permitiam mover-se. O inusitado fica por conta de eles não se reconhecerem na festa do dia dos namorados em que buscaram se encontrar e, na qual, ao final, acabam descobrindo que aquilo que cada um deles pensava ser um “defeito” era para o outro, exatamente, o que provocara o seu interesse. A história marca, assim, a partir de estereótipos impressos em seus personagens animais, alguns biótipos “desejáveis” para homens e mulheres. “Para eles: ser alto e forte é o correto porte”, tal como enunciou George; enquanto “para elas, a correta forma é ser magrinha e elegante” e, além disso, *não muito grande*, tal como enunciou a macaquinha Sílvia, balançando-se em uma corda com um lacinho de fita na cabeça.

Assim, a história ressalta como as tentativas de alteração de estereótipos bem definidos para o masculino e o feminino incidiram em problemas até de reconhecimento dos personagens – eles tinham abandonado exatamente as características que demarcavam as suas peculiaridades. Ou seja, nas tentativas de abandonarem seus particulares fenótipos eles se

descaracterizaram, reafirmando-se assim, na história, a necessidade do enquadramento nos padrões convencionais para os gêneros.

Mas, além dessas marcações de gênero apontadas até aqui, outras mais podem ser encontradas nas histórias infantis cujos personagens são animais. Na pequena história intitulada *A esquisita aranha Rita* (Livro 12), é registrado que esta aranha fêmea gosta de “uma nova fofoca”, tal como sua amiga minhoca. Mas ela também é vaidosa: ela gostade colecionar colares, luvas, sapatos e brincos, demorando até cerca de cinco horas para se arrumar! Já o coelhinho Hugo (personagem do livro 13, cujo título é *O Hugo tem de usar óculos*) tem uma grande preocupação com o tipo de armação de óculos que irá usar, pois não quer ser confundido com um sapo e muito menos com a boneca Barbie, caso escolha uma armação cor-de-rosa com brilhantes. Uma armação vermelho-pimentão é, então, a que se ajusta bem à sua condição de coelhinho macho e isso se consagra no relato, quando a narrativa destaca não ter ninguém gozado dele por causa dos óculos, e refere que um de seus colegas considerou terem os óculos lhe emprestado um ar de sábio, tal como os da diretora da escola.

Já as narrativas dos livros *1, 2, 3 Contos de uma vez* (Livro 14), *Nuno é maior que tudo* (Livro 15) e *Caleco é muito guloso* (Livro 16) focalizam aspectos relativos ao feminino e masculino no contexto dos núcleos familiares, em ambientes domésticos. O livro 14 reúne três pequenas histórias. Detivemo-nos na análise do conto *O aniversário de Nina*, que traz a narrativa sobre os preparativos da festa de aniversário de uma elefantinha que, após ter ajudado sua mãe na organização, decoração e preparo de doces, sente-se infeliz ao receber seus convidados – a galinha, a minhoca, o cachorro e outros bichos acompanhados de seus filhotes –, que chegavam sem trazer presentes. Ao perceber a tristeza da filha, a mãe elefanta a consola, explicando-lhe que deveria aproveitar a festa e a presença dos amiguinhos, sendo isso mais relevante do que o recebimento de presentes. Aliás, ao final da história, Nina reconhece que os momentos de diversão com seus amigos são importantes por serem lembranças para a vida toda.

O livro 15 traz a história do coelho Nuno, o mais alto de sua turma, do qual os colegas zombam por ser desengonçado. Nuno passa por uma série de conflitos, pois suas roupas estão sempre curtas, ele é o último da fila, é desajeitado para jogar amarelinha e seus colegas inventam músicas maldosas sobre ele. A mãe, percebendo a tristeza do filho, levou-o a consultar um

médico que, ao examiná-lo, indica que ele ainda irá crescer mais. No desfecho, Nuno participa de uma competição de basquete, tornando o time da sua escola campeão. Dá-se destaque, desse modo, ao fato de, ao ter-se tornado um campeão, ter ele conquistado a amizade de seus colegas, sendo essa a condição que compensa a “sua diferença”. No livro 16, a história se passa dentro da casa de Caleco, um ursinho comilão. Ao longo da narrativa, o ursinho é representado sempre comendo: no jantar, frango com fritas, mingau, doces, bolo, chocolates, balas. Ao final, Caleco sente dor de barriga de tanto comer.

Novamente explicitam-se, nessas três histórias, papéis tanto para os pais, quanto para as mães, bem como para as relações processadas entre animais adultos e filhotes. Aliás, os bichos adultos são representados, nessas narrativas, ensinando, orientando ou simplesmente observando as cenas protagonizadas pelos pequenos. Os animais machos são, com frequência, os que conduzem, orientam e ensinam, principalmente em situações ocorridas fora do lar, enquanto as fêmeas aparecem vinculadas a ensinamentos e a ações que acontecem no ambiente doméstico, em especial, preparando os alimentos, tomando decisões frente a questões de saúde de seus filhos, como se observou nas imagens e textos dessas três obras, mas, também, nos livros 7, 9 e 10, já discutidos neste texto.

Considerando que gênero é uma categoria relacional, conforme afirma Louro (2007), pensamos ser relevante observar o modo como se estabelecem, nestas obras, distinções entre os lugares ocupados pelos animais machos e fêmeas, que entendemos representarem papéis sociais femininos e masculinos nessas histórias.

Como vimos indicando, vincular instinto materno ao acolhimento dos filhos, quando esses enfrentam situações de conflito, rejeição, bem como dificuldades de ordem sentimental são postulações bastante frequentes nas histórias examinadas, destacando-se, ainda, o relato de tais situações em obras, tais como *O patinho feio que não era patinho nem feio*, *Um peixinho especial*, *A Formigadinha* e *O Elefantinho da tromba caída*, nas quais os conflitos vividos pelos filhotes protagonistas das histórias são amenizados pelas mães, fêmeas fraternais, afetuosas, acolhedoras e delicadas.

Em *O patinho feio que não era patinho nem feio* (Livro 17)<sup>10</sup>, ao chocar os ovos, a mãe pata depara-se com um filhote que não era amarelo como os demais. Em função disso, seus irmãos o tratavam com indiferença por não ser igual a eles. Cansado de ser alvo de zombaria, o patinho escondeu-se em um bosque, onde passou fome, frio, sede e sentiu-se sozinho. À medida que foi crescendo, no entanto, ele transformou-se em um cisne, com penas grandes e longas, tornando-se bem mais bonito e garboso do que seus irmãos.

Na história *Um peixinho especial*, o personagem principal é o peixinho Lélím, que “vivía com sua mãe, Dona Violeta, em Precioso, um pequeno e superficial recife no Oceano Atlântico” (p.1). Lélím guarda um segredo – é cego – e por isso apresenta um comportamento diferenciado do restante de seu grupo, o que era motivo de grande zombaria. Sua mãe preocupava-se muito com isso, especialmente porque percebia a sua sensibilidade, a força de vontade para aprender e o modo como lidava com situações de risco. Foi então que o guardião do recife Zazul passou a ensinar o peixinho a lidar com sua diferença, preparando-o para proteger os limites do recife e para identificar a presença de possíveis predadores. E, ao desempenhar este papel, Lélím pode superar os seus limites e ganhar o respeito do grupo, tornando-se um exemplo de como aprender com as diferenças.

O livro *A Formigadinha* apresenta a narrativa de uma formiga que não conseguia adaptar-se em nenhuma escola. Tinha dificuldades para sentar, parar de falar e de dançar, bem como para fazer a lição de casa e prestar atenção nas aulas. A professora, dona Formicida, chamou a família e, tal como sucedeu nas histórias narradas nos livros 7 e 8, aconselhou-os a que procurassem um médico, que diagnosticou ser Formigadinha hiperativa. No entanto, apesar do uso de medicação, a formiguinha não conseguia concentrar-se! Foi então que sua avó – uma formiga fêmea bastante alternativa, que usava roupas “estilosas” e adornava-se com tatuagens – encontrou a “salvação”, sugerindo que a neta fosse para a diferenciada escola *Formiga Viva*, que trabalhava com projetos e variados recursos de aprendizagem, que permitiam o desenvolvimento de habilidades. Novamente, nesta história, houve a superação de dificuldades, pois foi encontrado o tratamento adequado, e todos ficaram muito felizes.

---

<sup>10</sup> Trata-se de um conto da história infantil *O patinho feio* de Hans Christian Andersen (1843)

Em *O Elefantinho da tromba caída* (Livro 20), a história é embasada em uma lenda africana e se passa em uma tribo Massai, no Quênia. A lenda explica a origem das estrelas no céu e o protagonista é um elefante macho cujo nome é Tromba Caída – em função da condição de sua tromba. Tal como nas outras histórias, ele também era tratado de forma diferente pelos demais integrantes da manada, que caçoavam dele e não o aceitavam nas brincadeiras. Sua mãe, a líder do grupo, certo dia, afastou-se do bando adentrando na floresta e, logo em seguida, morreu. Alguns membros do grupo passaram a dizer ser a mãe elefanta encantada, pois “em noites de lua cheia, ela andava pelos céus, acenando com sua grande tromba” (p. 33) e, dessa forma, continuava a zelar por seu filhote que, ao se tornar adulto, com orelhas enormes, acasalou-se com uma fêmea de outra manada.

Assim, nessas quatro histórias chama a atenção o cuidado que as personagens fêmeas mães têm com seus filhos “diferentes”, cabendo a elas acolher, proteger, cuidar, zelar e apresentar outras formas de lidar com os conflitos por eles enfrentados. Finalizamos nossas análises, destacando algumas frases que evidenciam essa condição, como, por exemplo, no livro 20, no qual está salientado que “as elefantas são mães cuidadosas: carregam os filhos no dorso, quando atravessam rios” (p. 19) e, também, no livro 18, quando o narrador salienta que a mãe do peixinho Lélim “preocupava-se muito com o comportamento diferenciado do filho, vivia vigiando e o protegendo” (p. 5).

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É interessante registrar que, na maior parte das obras analisadas, as histórias são protagonizadas por animais fêmeas e seus filhotes. Poucas vezes, há machos pais nelas representados. No caso do livro 20, por exemplo, a líder da manada é uma elefanta fêmea, valendo observar, no entanto, que os atributos pelos quais ela é narrada a aproximam, e muito, daquilo que constitui, em geral, o “universo masculino” – ela é curiosa, aventureira, aprendendo a lidar com os desafios e proteção do grupo. Nas outras histórias, as “mães” ocupam-se com a proteção dos filhotes “diferentes” frente a outros componentes dos grupos animais a que pertencem. As fêmeas são, ainda, geralmente, representadas como vaidosas, coquetos, delicadas, amorosas e, em uma das histórias, como fofoqueira. Aos machos cabe a iniciativa da conquista amorosa, sendo esses geralmente fortes, decididos, desenvolvidos e corajosos. Argumentamos, neste texto, que tais representações correspondem a



estereótipos humanos. Nesse sentido, as técnicas colocadas em ação pela antropomorfização das personagens funcionam como estratégias que aproximam o que está narrado para estes animais, de situações e problemáticas que caracterizam as sociedades humanas.

Argumentamos que, nesses livros, nos quais são narradas formas de portar-se frente a “particulares” necessidades, tratadas nos livros como diferenças – dislexia, cegueira, hiperatividade, obesidade e síndrome de *Down*, por exemplo – ensina-se, também, a ser homem e mulher. Aliás, como já apontamos anteriormente, embora se possa encontrar em algumas dessas obras narrativas abertas à surpresa e à polissemia, o que se entende possibilitar experiências que favoreçam o alcance de uma compreensão diversificada, isso não significa, no entanto, que estejam sendo nelas procedidas rupturas radicais nas formas de narrar as diferenças, incluindo-se entre essas as diferenças de gênero.

É nesse sentido que destacamos, a partir de Hall (1997b), que reverter o estereótipo não é necessariamente subvertê-lo, pois se pode escapar das garras de uma polarização extrema e passar-se ao outro pólo: ou seja, passa-se a destacar o que anteriormente se configurava no polo da subordinação. Em alguns casos, isso até pode se caracterizar como uma proposta bem-vinda, por envolver a enunciação de representações positivas. No entanto, isso não implica fugir das contradições da estrutura binária dos estereótipos, tal como sinalizou o mesmo autor (HALL, 1997b). Precisamos sempre lembrar que os estereótipos são histórica e culturalmente construídos em uma complexa dialética de poder e subordinação, como Hall (1997b) salientou, a partir de Mercer e Julien (1994). No caso das representações focalizadas nas 20 histórias que examinamos, o que estava sendo buscado reverter não eram as representações de gênero. No entanto, foram essas as representações que nos interessou analisar e que nos levaram a buscar marcar que, apesar das histórias analisadas intencionarem registrar uma série de estereótipos abrangidos pelo termo guarda-chuva “diferença”, essas obras se mantiveram apegadas a diferenciações estereotipadas de gênero.

## REFERÊNCIAS

BONIN, Iara; SILVEIRA, Rosa Hessel. Gênero, heroísmo e patriotismo em obras de literatura para crianças. In: COENGA, Rosemar (Org.). **Leitura e**

**literatura infanto-juvenil: redes de sentido.** 1 ed. Cuiabá: Carlini&Caniato, 2010.

BONIN, Iara; RIPOLL, Daniela. Índios e Natureza na Literatura para Crianças. **Teoria e Prática da Educação**, vol. 14, 2011.

CARVALHO, Fabiana Aparecida. A Biologia em obras infantis de Monteiro Lobato: modulações literárias, científicas e culturais. **Ciência e Educação**, Bauru: Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, nº 2, vol. 14, 2008.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, nº. 20, vol. 2, jul./dez, 1995.

DUSCHATSKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O Nome dos Outros. Narrando a Alteridade na Cultura e na Educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.22, nº. 2, jul./dez. 1997a. p. 15 – 46.

HALL, Stuart. The spectacle of the ‘other’.In: Hall, Stuart (ed). **Representation.Cultural representations and signifying practices**.London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997b.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Primate visions. Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science**, New York/London: Routledge, 1989.

LOPES, Elínia Medeiros; SALOMÃO, Simone Rocha. O uso da literatura no ensino de Ciências no primeiro segmento do ensino do Ensino fundamental: desafios e possibilidades. **Anais do VII ENPEC**, Florianópolis, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**.9ª ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

MACHADO, Rafael Tiago; DOMINGUES, Chirley. Os contos infantis como proposta de incentivo à leitura na era digital. **Anais do 4º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina**. Palhoça: UNISul, 2009.

MASSOLA, Gisele; BONIN, Iara. Do Livro à Tela: Representações de Corpo Indígena em Ilustrações de Mauricio Negro. **Anais V Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**, Rio Grande/RS. v. 1. p. 1-10, 2011.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I., & SOIHET, R. (Org.). **O Corpo Feminino em Debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, nº 20, vol. 2, jul/dez, 1995.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Gênero, heroísmo e patriotismo em obras de literatura para crianças. **Revista HISTEDBR On-line**, vol. 34, 2009.

SILVEIRA, RosaHessel; BONIN, Iara; RIPOLL, Daniela. Ensinando sobre a diferença na Literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 15, 2010.

SILVEIRA, Rosa Hessel; BONIN, Iara; KIRCHOF, Edgar. Literatura Infantil e Pedagogia: reflexões sobre a abordagem da diferença. In: COENGA, Rosemar (Org.). **A Leitura em Cena: literatura infanto-juvenil, autores e livros**. 1 ed. Cuiabá: Carlini & Caniato, vol. 1, 2010.

SILVEIRA, Rosa Hessel; BONIN, Iara. Questões de gênero em representações de "ser velha" na literatura para crianças. **Anais Fazendo Gênero 9 - diásporas, diversidades e deslocamentos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SILVEIRA, Rosa Hessel; FREITAS, Letícia. Ovelhas, Galinhas, Coelho e Outras Criaturas: Os Animais nos Livros de Literatura Infantil. In: SILVEIRA, Rosa Hessel et alii. **A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras**. São Paulo: Moderna, 2012.

SIMON, Roger. A Pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação**. 9ª Ed. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2011.

## OBRAS ANALISADAS

Livro 1 – HONORA, Márcia. **Uma Formiga Especial**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

Livro 2 – HONORA, Márcia. **O amor tem todas as cores**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

Livro 3 – HONORA, Márcia. **O problema da centopeia Zilá**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

Livro 4 – HONORA, Márcia. **Uma amiga diferente**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

Livro 5 – HONORA, Márcia. **A Escola da Tia Maristela**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

Livro 6 – HONORA, Márcia. **Dognaldo e sua nova situação**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

Livro 7 – KLEIN, Cristina. **Osmar, o cãozinho que trocava as letras**. Coleção: Trabalhando as diferenças e a inclusão social. BluEditora: Blumenau, s/d.

Livro 8 – KLEIN, Cristina. **Davi, um coelhinho especial**. Coleção: Trabalhando as diferenças e a inclusão social. BluEditora: Blumenau, s/d.

Livro 9 – KLEIN, Consuelo Dores. **Sofia, a ursinha vitoriosa**. Coleção: Trabalhando as diferenças e a inclusão social. BluEditora: Blumenau, s/d.

Livro 10 – KLEIN, Consuelo Dores. **Beco, um patinho muito fofo**. Coleção: Trabalhando as diferenças e a inclusão social. BluEditora: Blumenau, s/d.

Livro 11 – COLEMAN, Michel; WARNES, Tim. **George e Silvia: uma história de amor verdadeiro**. Ciranda Cultural: São Paulo, 2000.

Livro 12 – REIS, Lúcia. **A esquisita aranha Rita**. São Paulo: Paulinas, 2005.

Livro 13 – DOINET, Mymi. **O Hugo tem de usar óculos**. Larousse do Brasil: São Paulo, 2003.

Livro 14 – MESQUITA, Rúbia. **1, 2, 3 Contos de uma vez.** Belo Horizonte: Uni Duni Editora, 2009.

Livro 15 – DOINET, Mymi. **Nuno é maior do que tudo.** Larousse do Brasil: São Paulo, 2006.

Livro 16 – COURTIN, Thierry. **Caleco é muito guloso.** SNE: Rio de Janeiro, 1998.

Livro 17 – TORENO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **O patinho feio que não era patinho nem feio.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Livro 18 – MORATO, Márcio Pereira. **Um peixinho especial.** Campinas, SP: Autores Associados, (Ciranda de Letras), 2006.

Livro 19 – RAMOS, Rossana. **A Formigadinha.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Livro 20 – SILVA, Consuelo Dores. **O elefante da tromba caída.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

*Recebido em setembro de 2015.  
Aprovado em novembro de 2015.*